

**Primeiras produções linguísticas da criança com autismo: um
estudo de caso de estimulação via musicoterapia**

Geisiane Rocha da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: geisianne_bjl@yahoo.com.br

Maria de Fátima de Almeida Baia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: mariadefatimabaia@uesb.edu.br

Laís Rodrigues Silva Bockorni
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: laisbockorni@gmail.com

846

Palavras-chave: Produções linguísticas. Autismo. Musicoterapia

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar os aspectos da emergência do ritmo, especialmente o acento lexical, no desenvolvimento linguístico de crianças com autismo, com intervenção musicoterapêutica, ambos norteados pelo paradigma dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) (Thelen; Smith, 1994; Baia, 2013). Nessa proposta, compreendemos que o desenvolvimento dos sujeitos e de seu sistema linguístico é adaptativo e complexo, pois emerge de modo conjunto e interdependente de outros elementos componentes da cognição humana, com influência de fatores neurofisiológicos e do *input*.

Quanto ao desenvolvimento rítmico, estudos com crianças neurotípicas apontam que a sua omissão silábica tende ao apagamento de sílabas átonas (Baia, 2010), o que esperamos observar também em crianças com autismo, grupo que é o foco de nosso estudo. A literatura acerca da produção rítmica dessas crianças indica uma ênfase na produção de sílabas tônicas (Kargas *et al*, 2016). Geralmente, o indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Realização:



Apoio:



apresenta aspectos relacionados aos três domínios comportamentais: linguagem, comunicação, interação social e rotina de interesses até os 3 anos. Referente à interação social, é possível observar a falta e dificuldade de iniciá-la e mantê-la. Já nas características da comunicação, no autismo se destaca a limitação na comunicação não verbal como contato visual, expressões faciais, gestos e linguagem corporal, por exemplo (Goergen, 2013).

“De acordo com o Manual Diagnóstico e estatísticos de transtornos mentais (DSM- 5), o TEA é uma síndrome comportamental, de etiologia múltipla, que compromete o processo de desenvolvimento infantil” (Delucca; Zanini, 2019, p. 62). Ademais, o termo autismo surgiu através de uma primeira fala do psiquiatra Eugene Bleuler em 1916 para se referir aos sintomas negativos da esquizofrenia. Dessa maneira, o que conhecemos hoje como autismo configurou-se quase 29 anos mais tarde, a partir das publicações independentes de um psiquiatra, Leo Kanner, e do pediatra Hans Asperger, ambos de nacionalidade austríaca (Schmidt, 2013).

A comunicação não-verbal desde muito cedo, entre mãe e o bebê, pode ser percebida, mas, na linguagem oral, a criança passa por fases até chegar ao nível de diálogo. É, portanto, nesse contexto que se faz necessária a integração de estudos e análise entre os campos da Psicolinguística com a Musicoterapia. A estimulação rítmica musical e prosódica através da musicoterapia pode ser um caminho para o desenvolvimento da fala de crianças com desenvolvimento típico e atípico. Quando pensamos em estimulação rítmica para a linguagem abordamos o que é chamado de **prosódia**.

A Musicoterapia é a área terapêutica que utiliza a música e os elementos musicais para a promoção e desenvolvimento da qualidade de vida; envolve um musicoterapeuta qualificado que utiliza a música e seus componentes (melodia, harmonia e ritmo) em sessões com um cliente ou grupo. O objetivo dessas sessões é facilitar e promover a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão, a organização e outros objetivos importantes, atendendo às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas dos participantes (WFWT, 1996).

Sujeitos neurotípicos e com autismo podem apresentar o uso sistemático de rotinas articulatórias para a expansão do léxico (Baia, 2013, Carmo, 2018). Essas rotinas, os

Realização:



Apoio:



templates, apresentam um impacto no desenvolvimento do sujeito concomitantemente a uma automatização de expansão lexical e facilitação de produção das primeiras palavras. Essas rotinas emergem a partir da forma alvo, apresentando influência do balbúcio tardio, da *Child Directed Speech*¹ (CDS), da tipologia da língua e de idiossincrasias do sujeito, considerando-se seu planejamento articulatorio, memória e preferências.

METODOLOGIA

Estudos em Psicolinguística e Desenvolvimento Fonológico², sendo transcritos segundo o Alfabeto Fonético Internacional e o sistema CHAT/*Childes* (Macwhinney, 2000). As sessões de musicoterapia apresentam duração média de 60 minutos e foram gravadas semanalmente, em contexto naturalístico, com interação entre a musicoterapeuta (primeira autora deste estudo) e as crianças. Neste estudo, realizamos um experimento de nomeação durante as sessões de musicoterapia de Mn, criança com autismo nível 3 de suporte, com a idade de 3 anos e 5 meses. O experimento foi aplicado em dois momentos em espaço de 8 meses e transcrito foneticamente.

Como Baia (2010), nós selecionamos dissílabos iâmbicos (**WS3** –fogão, boné, café, sofá, maçã, anel, bombom, balão, sabão, varal) e de dissílabos trocaicos (**SW** –carro, lápis, bola, copo, prato, ovo, chave, calça, uva, gato), seis palavras de cada um dos três tipos de trissílabos (**SWW** –mágico, fósforo, ônibus, lâmpada, árvore, óculos; **WSW** estrela, boneca, girafa, cachorro, dinheiro, sapato; **WWS** –violão, jacaré, bambolê, caminhão, avião, macarrão) e uma palavra distratora (sol)³. Na seção seguinte, apresentaremos a análise e discussão dos resultados obtidos em nosso experimento.

¹ Fala direcionada à criança.

² Coleta de dados aprovada pelo comitê de ética para o projeto “Padrões emergentes no desenvolvimento fonológico típico e atípico” (CAAE 30366814.1.0000.0055), coordenado pela professora doutora Maria de Fátima Almeida Baia.

³ S *Strong* (forte)/ W *Weak* (fraco).

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da aplicação do experimento de nomeação, Mn só produziu linguisticamente cinco palavras. Na segunda etapa, houve uma mudança, passando para sete palavras. A seguir, especificamos:

Quadro 1: quantidade de produções de Mn.

SW	WS	WW	SW	WS
		S	W	W
3	1	1	1	1

Fonte: Elaboração própria.

Percebemos assim, maior produção nos dissílabos trocaicos. Ela disse *gato*- ['mi.aʊ]; *uva*- ['u.va] e *carro*-['ka.ʊ]. É importante ressaltar que este padrão do forte “S” e fraco “W” de maior evolução da criança pode estar relacionado à própria estimulação musicoterapêutica, isto é, ao tipo de compasso presente nas execuções das peças infantis (binário com acento à esquerda), além disso, a língua portuguesa conta com um maior número de palavras paroxítonas (Baia, 2013). Muitos sujeitos com autismo evitam a fala por não compreenderem o que está sendo dito, e de fato há uma diferença entre o processamento da fala e o processamento da música, que é no córtex auditivo primário, comumente aos neurotípicos. Por isso, a música pode ser um meio de comunicação mais interessante para a população TEA (Gattino, 2015).

No que se refere ao autismo, estudos anteriores (Paul *et al.*, 2009; Kargas *et al.*, 2016) observam a prosódia anormal como uma característica central nos falantes com autismo. Nas anormalidades, são observadas entonação monotônica ou semelhante a uma máquina, deficiências na entonação, qualidade vocal e controle do volume (Paul *et al.*, 2009, p. 02).

CONCLUSÕES

Através do estudo em andamento, percebe-se que, assim como a literatura mostra, há uma tendência de as crianças com autismo darem ênfase à sílaba tônica da palavra. Este

Realização:



Apoio:



estudo prossegue investigando a fala de crianças com autismo em situação não experimental, considerando estudos como de Kargas *et al.* (2016) que apresentam dois aspectos fundamentais: a ênfase de sílaba dentro da estrutura da fala, independentemente de significado, e a associação entre detenção primária de ênfase e atipicidade na produção. Ademais, diferentes níveis de suporte no autismo podem resultar em diferentes tipos de deficiências prosódicas na fala. Na análise realizada até o momento, o nível de suporte é uma das variáveis independentes, sendo que, de acordo a necessidade de apoio da criança autista, maior seu nível de suporte. O caso analisado trata-se de uma criança considerada nível três de suporte, em termos da dificuldade em socialização e comunicação funcional.

REFERÊNCIAS

- BAIA, M. F. A. **O modelo prosódico inicial do português brasileiro: uma questão de metodologia?** São Paulo: FFLCH/USP Produção Acadêmica Premiada, 2010.
- BAIA, M. F. A. **Os templates no desenvolvimento fonológico:** o caso do português brasileiro. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 2013.
- CARMO, P. M. O. **O desenvolvimento fonológico e sua relação com o léxico inicial na fala de gêmeos e não gêmeos.** Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.
- DELUCCA, G. M. B.; ZANINI, C. R. de O.. Os efeitos da Musicoterapia no nível de Alexitimia e no envolvimento musical de pais de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. In: **Musicoterapia autismo: Campos de comunicação e afeto.** GATTINO, G. S.; REIS, C. S.. (orgs.) 1ª Edição, Forma e Conteúdo- Comunicação Integrada. Florianópolis, 2019.
- GATTINO, G. S. **Musicoterapia e Autismo: teoria e prática.** São Paulo: Memnom, 2015.
- KARGAS, N.; LOPES, B.; MORRIS, P.; REDDY, V. Relations Among Detection of Syllable Stress, Speech Abnormalities, and Communicative Ability in Adults With Autism Spectrum Disorders. **Journal of Speech Language and Hearing Research**, p. 01-37. 2016.
- MACWHINNEY, B. **The CHILDES project:** Tools for analyzing talk. 3 ed. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- RIESGO, Rudimar. Neuropediatria, autismo e educação. In: **Autismo, educação e transdisciplinaridade.** SCHIMIDT, Carlos (org.) Papirus Editora, p. 53-60, 2013.
- THELEN, E.; SMITH, L. **A dynamic Systems Approach to the Development of Cognition and Action.** Massachusetts: MIT Press, 1994.
- World Federation of Music Therapy (WFMT). Definição de Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n.1, 1996.

Realização:



Apoio:

